

NUMISMÁTICA ROMANA: TEORIA E MÉTODO. A ARTE A SERVIÇO DO ESTADOCláudio Umpierre Carlan¹**Resumo**

Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antigüidade ela unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de reverso e verso, ultrapassavam os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que esse pertencia.

Como corpus documental utilizaremos a coleção numismática do Museu Histórico Nacional / RJ, que possui o maior acervo da América Latina. Esse estudo, ainda em sua fase inicial, pretenderá valorizar uma importante coleção arqueológica brasileira, ainda inexplorada.

Palavras-chave: Moeda, Roma, Iconografia

Resumen

Hoy difícilmente podemos unir la moneda a un medio de comunicación entre pueblos distantes. Pero, durante la Antigüedad, ella unificava al todo territorio que estava sometido a un poder político. El metal transponía los límites geográficos del poder que la emitía y definía ideológicamente no sólo un pueblo, pero también la civilización a la que éste pertenecía.

Como *corpus* documental utilizaremos la colección del Museo Histórico Nacional / RJ, posee el mayor acervo numismático de la América Latina. Ese estudio, aún en su fase inicial, pretenderá valorizar una importante colección arqueológica brasileña, aún inexplorada.

Palabras-llaves: Moneda, Roma, Iconografía

Introdução

Um setor muito importante das necessidades humanas, satisfeitas mediante as diferentes artes decorativas, corresponde às que se orientam para expressão de uma hierarquia ou a satisfação dos sinais externos do cerimonial prescrito numa determinada circunstância. Em muitos momentos ao longo da História estas exteriorizações foram consideradas elementos imprescindíveis para detonar respeito e acatamento para autoridade construída, seja de caráter religioso, político, militar, ou de qualquer outra índole.

As autoridades estabelecidas, adotariam uma simbologia externa para sublinhá-las e com esse fim aplicariam os materiais de que dispunham. Isso deve ter-se manifestado em todas as ordens do poder, que se em nossos dias estão perfeitamente diferenciados, na Antigüidade estaria reunido numa única pessoa, que seria ao mesmo tempo chefe militar, religioso e legislador. Essa pessoa para distinguir-se dos outros, adotaria algum elemento diferencial que não demoraria em converter-se em símbolo daquele momento.

Esses símbolos externos foram usados para diferenciar monarcas, sacerdotes ou outros signatários. Uma simples faixa de tecido ao redor da cabeça era o emblema que distinguia os

¹ Doutorando / UNICAMP, pesquisador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE / UNICAMP), membro do conselho consultivo da www.historiachistoria.com.br, bolsista da CAPES. Orientador: prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

generais de Alexandre Magno que, após a sua morte, repartiram os seus extensos dominós, governado-os.

Segundo a tradição, Alexandre foi o primeiro monarca a cunhar moedas com o seu busto, assemelhado ao deus Apolo. As cunhagens de prata representam o jovem rei olhando para o céu, como deus-sol. Séculos mais tarde, em 315, Constantino também discípulo do “culto ao sol”, cunhará moedas com imagens semelhantes, principalmente em bronze, onde o contato com a massa populacional do Império Romano seria maior.

Nos dias atuais, dificilmente podemos ligar a moeda a um meio de comunicação entre povos distantes. Mas durante a Antigüidade ela unificava todo um território, que estava submetido a um mesmo poder político. O metal, e suas imagens de reverso e verso, ultrapassavam os limites geográficos do poder que o emitia, definindo ideologicamente não só um povo, mas também a civilização a que esse pertencia.

Moeda e a Legitimação do Poder

A presença da moeda além de oferecer um bem estar econômico, mostra também os seus aspectos icônicos. Analisando os anversos e reversos monetários como imagens fabricadas, elas imitam aquilo a que se referem. Qualquer signo, mesmo o iconográfico gravado segundo processos físicos ou naturais é construído segundo regras determinadas que implicam convenções sociais. Ela circula de fato nos três níveis, sendo simultaneamente ícone, índice e símbolo convencional. Os povos que habitavam o vasto império romano tinham conhecimento de que o busto representado naquela diminuta peça de bronze, prata ou ouro era do seu governante.

As cunhagens monetárias de diferentes governantes reforçam este discurso. Identificadas como *encouraçado*, ou seja, os imperadores são representados com armadura, trajes militares, tanto no anverso (busto) quanto no reverso. Diocleciano, que governou o Império Romano entre 295-305, por exemplo, utilizará em suas peças, principalmente nos *folles*, estes ícones. No anverso vem o busto e o peitoral conhecido por *faleras*. No reverso o tetrarca recebe o cetro de Júpiter, encimado pela Vitória. Tais representações podem ser identificadas nos *aes* (JUNGE, 1994, 15.) primeira forma de moeda em Roma, cunhada durante a República (século IV-III a. C.), para servir de base de trocas, compras ou vendas, e para pagamento dos legionários. Eram peças de bronze, de diâmetro e peso mínimo devido a grande circulação. Todos os *augustos*, *césares* e pretendentes, usurpadores, usaram em suas amoedações tais vestimentas.

Nesse sentido, ocorre uma relação *emissor/receptor*, nitidamente identificada nas cunhagens realizadas durante o início do século IV. Diocleciano, Galério, Constâncio Cloro, Maximiano, Severo Augusto, Maximino Daia cunharam moedas com tipos semelhantes: GENIO AUGUSTI, GENIO POPULI ROMANI, VIRTUTI EXERCITUS, CONCORDIA MILITUM, SAC MON URB AVGG ET CAESS NN, VOT XX E; entre outras. Defendiam a salvação do império num retorno ao passado e as suas divindades, impondo tal ideologia através de um veículo propagandista onde toda a população teria contato: a própria moeda.

Donis Dondis afirma que, para os analfabetos, a linguagem falada, a imagem e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância prática.

(...)isso é tão verdadeiro como tem sido ao longo da história. Na Idade Média e no Renascimento, o artista servia à Igreja como propagandista...O comunicador visual tem servido ao imperador e ao comissário do povo...a comunicação pictórica dirigida aos grupos de baixo índice de alfabetização, se pretende ser eficaz, deve ser simples e realista(...) (DONDIS: 1997, 184).

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes, da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado” (FLOR: 1995, 183). Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*” (CASSIRER: 1997, 70).

Chartier destaca a importância da interpretação dessa simbologia, chamada por ele de “signos do poder”.

Daí a necessidade de constituir séries homogêneas desses *signos do poder*: sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens (coroas, ceptros, vestes, selos, etc.), os *monumentos* que, ao identificarem o rei, identificam também o Estado, até mesmo a nação (as moedas, as armas, as cores), ou os programas que têm por objetivo representar simbolicamente o poder do Estado, como os emblemas, as medalhas, os programas arquitetônicos, os grandes ciclos de pintura... (CHARTIER: 1990, 220).

O homem desenvolve diversas formas simbólicas, tanto artística quanto lingüística, expressa pela sua consciência. Com isto podemos afirmar que os símbolos políticos são definidos como símbolos que funcionam até um ponto significativo na prática do poder.

Estas práticas do poder- e seus simbolismos- atuam, de uma maneira direta ou não, através de questões ideológicas. E, em toda uma sociedade, através das idéias da classe dominante, predominam, oralmente ou escrita. Cardoso diz que “...é de especial interesse e bem esclarecedor o estudo dos mecanismos que asseguram e reproduzem a hegemonia ideológica...” (CARDOSO: 1979, 397). Segundo Funari:

“..Não se trata, assim, de acreditar no que diz o documento, mas de buscar o que está por trás do que lemos, de perceber quais as intenções e os interesses que explicam a opinião emitida pelo autor, esse nosso foco de atenção (FUNARI: 1993, 11).

O poder seria algo mais difuso. Ele funciona e se exerce em rede. Nunca está localizado aqui ou ali, nem está só nas mãos de alguns. Os indivíduos não são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre pontos de transmissão, reorientação ou reforço dele. Para se entender o poder, é preciso buscar perceber as táticas e técnicas de dominação no detalhe da vida social e procurar compreender como os diversificados mecanismos de poder são utilizados, transformados e ampliados pelas formas mais gerais de dominação. O poder, para se exercer, precisa produzir, organizar e colocar em circulação saberes que o tornem legítimo.

Podemos verificar uma resistência tenaz das antigas formas de administração e de comunicação. Na própria Inglaterra do século XII, apesar dos progressos quanto ao domínio

da leitura e da escrita, a palavra ouvida e o gesto visto permanecem a expressão essencial do poder de comando e justiça.

Conclusão

A numismática durante muito tempo ficou confinada às reservas técnicas dos museus, não sendo o objeto central de estudos ou análises.

Florenzano afirma que a moeda é a imagem reduzida de uma idéia, que tem os seus objetivos ideológico e políticos, não apenas comerciais. Por este motivo os grandes depósitos monetários eram feitos em templos, santuários ou locais sagrados. Pois a imagem do reverso possuía um poder de afastar o mal. E a moeda falsa tinha um poder maligno sendo assim evitada (FLORENZANO: 2002, 59).

Jean-Nicolas Corvisier, em seu livro, *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*, também defende a importância da numismática, não apenas na História da Arte, porque muitos artesãos trabalhavam nas casas de cunhagem, como também no estudo da História Política, pois no reverso de cada peça vem representando um fato de crucial importância para o período estudado (CORVISIER: 1997, 153).

A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos. Podendo informar sobre os mais variados retrospectos de uma sociedade.

Devemos conhecer as idéias espirituais que refletem a obra de arte, a filosofia, a cultura, a sociedade daquele momento (ARENAS: 1982, 101). Os períodos históricos são monólitos ideológicos, sendo um conjunto ideológico múltiplo. Os símbolos, e seus atributos, se unem com os emblemas da heráldica, com hieroglíficos, com os reversos monetários, não apenas para identificar uma imagem, mas para esclarecer o motivo dessa imagem.

Agradecimentos

Pedro Paulo Abreu Funari, Edinéa da Silva Carlan, Vera Lúcia Tostes, Rejane Vieira, Eliane Rose Nery, ao apoio técnico do Núcleo de Estudos Estratégicos, ao Conselho de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (CAPES).

Fontes Numismáticas

Acervo do Museu Histórico Nacional / RJ, moedas do século IV d.C. Total de 1888 peças.

Catálogo

JUNGE, Ewald. *The seaby coin encyclopaedia*. Second impression revisions. London: British Library, 1994.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Ciro Flamarion S. e PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Os Métodos da História*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

CASSIRE, E. *Antropologia Filosófica*. Ensaio sobre o Homem. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CHARTIE, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CORVISIER, Jean Nicolas. *Sources et Méthodes en Histoire Ancienne*. pr. editons. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNÁNDEZ ARENAS, José. *Teoría y Metodología de la Historia Del Arte*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1982.

FLOR, Fernando R. de La. *Emblemas Lectures de La Imagem Simbólica*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. “Outro Lado da Moeda” na Grécia Antiga. In: *O Outro Lado da Moeda*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Roma vida pública e vida privada*. São Paulo: Atual, 1993.